

A Confederação Geral do Trabalho e o próximo acto eleitoral

NOTA OFICIOSA

Ao Comité Confederal chegaram informes precisos sobre comentários pouco lisonjeiros para a Confederação Geral do Trabalho por parte da sua posição moral em relação ao futuro parlamento e sobretudo ao próximo acto eleitoral.

Toma-se a atitude da C. G. T., na presente emergência política, como de cumplicidade tácita, sistemática, com os grupos políticos de carácter conservador que disputam o sufrágio aos grupos políticos com carácter democrático-radical.

Em síntese, afirma-se:
1.ª A atitude da C. G. T. perante o acto eleitoral é favorável às forças monárquico-reaccionárias.

2.ª A C. G. T., negando-se a aconselhar o proletariado organizado a votar nos grupos da esquerda democrática, desintegram-se das necessidades político-sociais do momento que impõem uma estreita colaboração para a defesa das liberdades ameaçadas.

Digamos, antes de tudo, que a Confederação Geral do Trabalho, organismo social e essencialmente de classe, não tem como base de acção o terreno político em que gravitam os partidos de governo. Não aspirando a conquista do poder, a C. G. T. não pode lutar usando dos mesmos processos dos organismos que pretendem ascender à posse das instituições do Estado.

Mais, a C. G. T. tem que interpretar os desejos da classe trabalhadora organizada integrada nos princípios morais do Sindicalismo Revolucionário.

Havendo um antagonismo formal entre o Sindicalismo e o Parlamentarismo, qualquer manifestação favorável aos actos políticos eleitorais por parte dos trabalhadores conscientes representa uma transigência e uma abdicção.

O Parlamento é uma instituição iminentemente burguesa, que se mantém ainda para dar um verniz de democracia livre e igualitária a um regime assente na injustiça social, na opressão e exploração do homem pelo homem, caracterizada no salariato e na lei do forte—contra o fraco—o Estado.

O Sindicalismo, portador de princípios de justiça e equidade, é a expressão viva da vontade dos trabalhadores que, aspirando à sua emancipação integral, exercem a sua acção no terreno da luta de classes e fazem derivar do campo económico as conquistas que dum modo real e efectivo se traduzem em benefícios imediatos e positivos tendentes a alargar a sua capacidade e a impulsionar, reflexivamente, a evolução do progresso social.

No Parlamento nem já se chocam partidários de programas políticos de mais rasgadas afirmações contra programas mais retrógrados ou simplesmente conservadores: chocam-se grupos representativos, franca ou encobertamente, de empresas de potentes da finança, do comércio ou da indústria em concorrência e em detrimento do povo soberano.

No Sindicalismo mantém-se o princípio da dignificação e elevação do trabalho como base vital das sociedades e dos indivíduos, considerando como únicos soberanos, no actual regime burguês, os que na indústria, na agricultura, na ciência, na arte, na educação empregam a sua actividade produtiva sem oprimir e explorar os seus semelhantes nem manter os falsos conceitos da moral capitalista.

A atitude, pois, da Confederação Geral do Trabalho em face do acto eleitoral só pode ser esta: *abstenção*. Manifestação burguesa meramente política, a esse acto é a C. G. T. estranha. É uma luta de disputa pela posse das rédeas do Estado capitalista. Como tal só poderá interessar aos indivíduos ou organismos que estão integrados no próprio regime burguês ou que do mesmo fazem derivar possibilidades políticas para a instituição de novas fórmulas de opressão.

É uma atitude que pode favorecer os grupos monárquico-conservadores?

Isso apenas significa que os actos dos grupos chamados da esquerda demoralizam os seus eleitores, afastando-os; ou

então que fizeram concessões aos reaccionários de tal ordem que lhes permite a possibilidade duma vitória fácil.

De um ou de outro modo—dos dois juntos é que é—a responsabilidade cabe-lhes inteira e só da sua acção se poderão queixar. Imputar à atitude da C. G. T. essa responsabilidade, pelo lado que significa esconder as verdadeiras razões, pelo outro, tal acusação só revela o desejo inconsciente de fazer resvalar a acção da C. G. T. para o atoleiro dos partidos políticos e comprometer a obra de conservação do próprio regime burguês.

Que os monárquicos podem vencer? Que tem a C. G. T. que vê com essa questão? «Quem melhor preparou a cama, melhor gosará nela». Que os partidos da República metam a mão na consciência e nela encontrarão o fenómeno explicado.

A posição da C. G. T. está perfeitamente definida: o acto eleitoral é-lhe absolutamente estranho. Não influi nem a favor de gregos nem a favor de troianos.

Representa esta atitude desintegração das necessidades político-sociais do momento?

Ninguém, honestamente, tem o direito de tirar tal corolário. A C. G. T. considera a obra das chamadas «direitas» um retorno ao passado. Essa obra não se revela apenas nas suas manifestações políticas, mas igualmente nas manifestações de carácter económico e religioso.

Em que é que se revela a resistência das chamadas esquerdas contra aquela obra de retrocesso—essa resistência que deveria ser activa e permanente e em todos os campos onde quer que aquela obra é feita—essa resistência que nem mesmo se desenha como motivo de propaganda eleitoral?

E' que tal resistência aguçaria o caciue—sempre conservador—o pequeno ou grande burguês que coage o operário eleitoral, facilmente manejável, a votar nos candidatos, mesmo da esquerda... que melhor acção parlamentar possam exercer na de-

fesa dos seus interesses e privilégios nas futuras medidas legislativas. Essa resistência produziria, pois, um perigo para o político—o futuro governante, aquele que terá a sua guarda os ilegítimos interesses dos usurpadores da riqueza social; que manterá, contra a classe trabalhadora, os privilégios do patronato, que conservará o salariato, a servidão do proletariado, a ignorância popular, robustecendo as instituições militares, policiais e jurídicas, como conservador e defensor que é do capitalismo.

A C. G. T. não pode nem deve ter ilusões a tal respeito. É uma obra que está cometida a «direitistas» e a «esquerdistas», porque é essencial, porque é fundamental, porque está integrada no próprio espírito de defesa do capitalismo e da burguesia.

Perigam as liberdades conquistadas? Sim, perigam. A onda reaccionária está desencadeada em todo o mundo. E as hostes ultramontanas trabalham afanosamente a fim conseguirem uma situação política favorável para aniquilar em Portugal as liberdades conquistadas pelo povo em lutas cruentas.

Pelo retorno à Monarquia? Por uma ditadura draconiana dentro da República?

Sim, talvez. Mas em face de qualquer dessas tentativas, não serão as urnas quem conquistadas.

Nessa hora o proletariado organizado saberá agir, e mesmo assim com a sua organização própria, sem compromissos que signifique colaboração com quaisquer partidos políticos, tendo apenas em vista o sentido libertário e revolucionário do Sindicalismo.

Tais são, nesta conjuntura, as declarações que a C. G. T. se vê forçada a fazer para que bem se possa compreender a sua atitude.

Lisboa, 3 de Novembro de 1925.

O COMITÉ CONFEDERAL

Quanto ganhou a Carris no ano de 1924

Não sabemos como as entidades oficiais exercem a sua fiscalização sobre os grandes potentados—o que sabemos é que se deixam convencer facilmente pelas lamúrias dos que nos roubam, dos que nos esmagam com os seus lucros fabulosos.

Toda a gente sabe que as grandes companhias ganham muito dinheiro, toda a gente sabe que elas nos roubam. Entretanto, os poderes do Estado ignoram tudo isso e quando querem saber a quanto montam os lucros das grandes companhias exploradoras perguntam às próprias companhias que lhes respondem com os costumados «protestos da sua pobreza franciscana».

Os leitores devem lembrar-se ainda dos juramentos que a direcção da Companhia Carris de Ferro de Lisboa fez sobre a sua situação difícil. Não tinha lucros, não podia distribuir dividendos, gastava toda a receita no material e no pagamento ao seu pessoal, etc. Quando a Câmara lhe recusava autorização para aumentar os preços das passagens, gritava que queriam arruiná-la, que era impossível manter o seu serviço de transportes. Há tempos, quando chegou a hora de cumprir os seus contratos baixando o custo das passagens em harmonia com a baixa da libra, andou empantando, e ganhando indevidamente com o alto preço das passagens, querendo convencer o povo de que lhe seria fatal baixar meio tostão ou um tostão em algumas zonas.

Houve exames de escrita, conferências, conciliabulos de que resultava sempre, como conclusão, o precário estado financeiro da companhia.

Ao certo nunca se soube qual era o estado financeiro do Sindicato de Santo Amaro. A escrita da companhia tem sido até hoje um mistério impenetrável. Cada um de nós, passageiro, ao pagar o seu transporte contribuía para avolumar esse mistério...

Mas... a maior parte dos capitais da Companhia Carris são ingleses e já Inglaterra, que nos explora, teve alguma potentado mais necessidade de dar uma satisfação sobre o estado dos seus negócios do que a Câmara Municipal de Lisboa.

O *Daily Mail*, um dos mais importantes diários ingleses, publicava uma nota, na secção Bancos & Companhias, pela qual se verifica que a Lisbon Electric Tramways Company (Companhia dos Carris de Ferro de Lisboa) se encontra numa situação mais do que desafogada—florescente.

Segundo o *Daily Mail*, a situação da Companhia é a seguinte:

Lucro líquido.....	£. 80.397
Depreciação de valores	£. 32.000
Para pagamento de dividendos preferenciais..	£. 32.000
Saldo para a conta nova	£. 9.630

Referem-se estes números ao ano de 1924, ao ano em que a Companhia mais se lamentou, mais chorou pelas gauchas a sua miséria.

Esta pequenina importância de

lucros, feitas as contas ao câmbio de hoje—95\$00—e não ao câmbio de fins do ano referido, que estava muito mais alto, dá, em moeda portuguesa, a bonita soma de 7.637.715\$.

Perto de oito mil contos foi quanto produziu, nos cofres do Sindicato de Santo Amaro, a pele que se arrancou ao povo de Lisboa.

Acaso serão estes números do conhecimento da Câmara Municipal? Desconheceria a Câmara estes factos quando ainda há bem pouco tempo a Companhia fazia chicana, não querendo baixar o exageradíssimo preço das tarifas?

Esta noticiinha publicada lá no *Daily Mail*, jornal que o povo português não lê, nem pode ler, escapou talvez à ilustre vereação de Lisboa porque é bem possível que os números que hoje citamos não confirmam com os que a Companhia apresenta quando se lhe fala em reduzir as tarifas.

E zangam-se muito estes potentados quando nós lhes chamamos ladrões...

Notas & Comentários

Em prosa e em verso...

O Arsenalista, um dos órgãos da I. S. V., aproveitou a comemoração do aniversário do Sindicato do Pessoal do Arsenal do Exército para nos flagelar com um ataque ridículo, de prosa invertida e 202 calhadas em 101 palavras, medidas a olho e dispostas em sete pretenciosos versos.

Tudo isto para puxarem, sobre os seus o manto aurífero do revolucionarismo...

Como andamos de mal com as musas, iremos pedir ao conspícuo vate que nos cante em «romanza» um dos brilhantes feitos, praticados para quem da Trapobana... em que uns fecham precipitadamente aquilo que os outros abrem gloriosamente.

Mas, que feito?... Ah! já sabemos: a primeira greve geral contra o aumento do preço do pão.

E como o tempo e o espaço nos escasseiam para a luta contra o amigo burguês...

Salvé, camaradas!

Só agora...

Ontem, dois operários pararam ante um prospecto de propaganda eleitoral, leram com atenção e comentaram:

—Agora é que eles nos prometem tudo...

O prospecto, por acaso, era da Esquerda Democrática, mas o comentário é que serve para os prospectos de propaganda eleitoral de todos os partidos e facções—desde os mais vermelhos aos mais reaccionários.

Antes de serem governos...

Procuraram-nos os operários José Lourenço e José Ferreira para nos referir que estando a assistir a um comício de propaganda esquerdista no Teatro Joaquim de Almeida, foram maltratados por alguns elementos comunistas só por discordarem do ataque que esses elementos estavam fazendo à C. G. T. e à Batalha e ainda por se insurgirem contra um indivíduo que, afirmando-se falsamente delegado das juventudes sindicalistas, aconselhava o proletariado a ir às urnas.

Sinal dos tempos...

Universidade Popular Portuguesa

Hoje, pelas 21 horas, realiza-se na Universidade Popular Portuguesa, Rua Particular à Rua Almeida e Sousa, uma sessão cinematográfica educativa.

O SUPLEMENTO DE "A BATALHA"

VAI REAPARECER «O DESPERTAR»

O que disse à "Batalha"

sobre o órgão da mocidade revolucionária, o militante juvenil
Silva Costa

Num comunicado inserto no nosso jornal, a Federação das Juventudes Sindicalistas assegura que o movimento de ideias das juventudes sindicalistas vai, afinal, entrar numa fase de vida e de acção.

Para que esse movimento seja acalentado como convém, aquele organismo revolucionário propõe-se fazer reaparecer *O Despertar*, órgão da mocidade trabalhadora que há tempos foi suspenso por dificuldades financeiras.

Esta agradável notícia levou-nos ontem a entrevistar um dos membros da comissão redactorial, dos que no reaparecimento do *Despertar* têm posto toda a sua inteligência.

Foi Silva Costa, moço vivo e inteligente, que se prestou a fornecer-nos os seguintes esclarecimentos:

—A ideia do reaparecimento do *Despertar* não é de agora, vem de há tempos. Contradições de toda ordem não têm permitido que ela se materialize.

—Agora que sobre as Juventudes não paira aquele ambiente de terror que a obriga a um nervosismo prejudicial, ela pode com segurança realizar um trabalho de propagação e educação que é basilar nas Juventudes.

—Estava naturalmente indicado para a realização dessa grande obra *O Despertar*. Por assim o compreender o conselho federal da Federação da Juventude Sindicalista aprovou uma proposta ao abrigo da qual o jornal pode manter-se.

—E o teor dessa proposta?

—A sua síntese é: Que se procure angariar 500 assinaturas e se consiga uma venda avulso regular. Se este pensamento for realizado, podemos assegurar a saída de 10 números e assim sucessivamente.

—Quais as garantias para os assinantes?

—Garantias morais são bem conhecidas e dispensam frases... Garantias materiais são a indemnização das importâncias dispendidas aos assinantes se por qualquer circunstância o jornal não sair.

—Não dispõem doutro recurso?

—Contamos realizar algumas festas, cujos preparativos estão muito adiantados. Incluimos também na conta de auxílio a receita eventual, que nestes casos pouco afirma.

Quisemos agora saber qual será a orientação do jornal. O nosso interlocutor informou:

—A orientação do jornal será puramente educativa, criando na mocidade uma mentalidade sã, sem artificios. A sua feição será sindicalista revolucionária, visto que a juventude está reservado o papel de assumir no futuro a orientação do movimento operário.

Sobre o texto do primeiro número, Silva Costa diz-nos:

—O primeiro número será dedicado à mocidade revolucionária internacional. Descreverá uma parte da vida das juventudes nos últimos tempos e ocupar-se-á da propaganda do próximo Congresso Juvenil. Publicará ainda uma exposição da Federação das Juventudes Sindicalistas acerca do que pensa a mocidade operária sobre a Internacional da Mocidade Revolucionária.

Sabíamos que a *Voz Sindical*, de Setúbal, dedica, tem todos os números, uma página ao movimento juvenil. Quisemos também saber em que condições ficaria aquele semanário em face do reaparecimento do *Despertar*. O nosso entrevistado esclarece:

—Não sofrerá alteração. A *Voz Sindical* continuará a dispensar-nos a máxima assistência, aceitando a nossa colaboração e a divulgação dos nossos pontos de vista. Disso encarregamos, especialmente, a juventude do Sul, mais numerosa e bem mais necessitada dessa propaganda.

—Silva Costa, confiante no triunfo da proposta do conselho federal, afirma que em breve o *Despertar* terá assegurada a sua existência, quando de nós se despe-

A SAÚDE DO POVO

A Faculdade de Medicina, ao abrigo duma disposição regulamentar, negocia com os cadáveres que pertencem ao hospital de São José

Dos quartos particulares às oficinas do hospital de São José, para onde vamos agora, não há outra nota para reportagem que não seja a de alguns empregados menores se dirigirem ao dr. João Pais de Vasconcelos, nosso amável guia, pedindo-lhe vários utensílios de que carece o hospital, tais como capacetes, vassouras, etc., etc. Este simples pormenor serve para atestar o estado de pobreza em que tudo aquilo se encontra...

Para desviar a nossa atenção o dr. João Pais fala-nos agora dum pavilhão que se avista ao outro extremo da cerca em construção e que se destina aos serviços de anatomia-patológica. Pela planta que nos mostrou, o hospital, uma vez concluída essa importante obra, ficará dotado dum melhoramento que o director dos hospitais considera como do mais notável.

Num propósito o dr. João Pais refere um caso regulamentar que não resistimos à tentação de o trazer ao conhecimento dos nossos leitores:

Quando qualquer doente falece e que não é requisitado pela família, o cadáver pertence à Faculdade de Medicina. Se o hospital precisa do cadáver para estudo a Faculdade negocia com o caso. Só dispensa o cadáver mediante o pagamento de 20\$. Se não lhe pagarem essa importância o cadáver recolherá à Faculdade.

Mas passemos adiante, deixando para a devida oportunidade o exame a esta e outras incongruências. Entremos agora nas oficinas do hospital.

Na primeira, carpintaria mecânica, nada de novo. Uma cara amiga que nos cumprimenta, e a caravana passa.

Apenas a serralharia mecânica é digna duma pequena demora. Provida de modernos maquinismos é uma oficina, sob o ponto de vista técnico, boa. O hospital, ou para melhor a sua administração, só tem lucrado com a referida oficina. A produção ali realizada, num futuro muito próximo, atingirá em lucro o total da importância dispendida.

Como é uma obra regular, tem sido tenazmente combatida, como nos assegurou o engenheiro sr. Prazeres. Não nos admira porque traz vantagens para os hospitais...

As oficinas conseguem fazer as reparações de que o material dos hospitais carece.

O "RAID" HIPICO

Terminou ontem a estúpida prova organizada pelo "Diário de Notícias"

O raid hípico que o *Diário de Notícias* organizou, dispondo a seu belo talante dos cavalos e dos cavaleiros do Estado, finalizou ontem. O vencedor foi—contra a expectativa de todos os que seguem com ansiosa atenção o raid—o capitão Rogério Tavares. O civil José Tanguinha, das Caldas da Rainha, que desde o Porto vinha à frente com grande avanço, perdeu por, quasi no fim do percurso, o cavalo ter sido vencido pela dureza extraordinária da prova. Chegou em segundo lugar, duas horas, com grande decepção e grande desgosto da maioria dos entusiastas do raid.

Esta prova foi um assombro—de estupididade e de desumanidade. Os cavalos rebentaram quasi todos e alguns deles morreram. O Estado foi esbanjado pelos grandes prejuízos que sofreu com esta prova, que nada tem de recomendável. Nada—e não ser o esplêndido réclame que dele resultou para o *Diário de Notícias*. Este jornal conseguiu um grande êxito de publicidade à custa do Estado e dos cavalos que rebentaram no holocausto à força que o órgão da Moagem possuiu devido a fazer opinião, aquela opinião indispensável à existência dos governos. Sem ela os ministérios ficariam na mesma situação aflitiva dos peixes quando se encontram fora de água. E isto explica que o *Diário de Notícias* tivesse realizado

o capricho deste raid, como de resto realiza todos os raids que lhe apeteça...

Reünio ontem, extraordinariamente, o conselho directivo da Liga Nacional de Defesa dos Animais para tratar das graves infrações que vieram a público, durante a tarde, acerca das consequências do «raid» hípico que resultou uma inaudita barbaridade que não pode ficar impune.

O conselho resolveu proceder imediatamente a todas as indagações e ser parte em juízo contra aqueles que, esquecendo os mais elementares princípios de humanidade, sacrificaram inútilmente vidas de pobres animais com requintes de maldade e de selvagens.

Resolveu mais este conselho levar o mais solene protesto junto do chefe do governo e considerar-se em sessão permanente.

Presos por questões sociais

A secção profissional dos pedreiros convivia todas as famílias de operários pedreiros presos por questões sociais, a comparecer na secção hoje, pelas 20 horas, para tratar dum assunto que lhe diz respeito.

A greve geral na Palestina

JERUSALEM, 3.—Foi proclamada a greve geral árabe em toda a Palestina como protesto contra a declaração de Balfour relativa à independência nacional.

ASSINEM Os mistérios do Povo

A Arte e os artistas

A exposição de pintura do sr. Augusto do Nascimento no Salão Bobona

Recomeçamos hoje, em *A Batalha* a colaborar nesta secção que durante mais de um ano deixámos ao abandono. Os motivos deste silêncio não interessam ao leitor —mas interessam, embora tampouco lhes digamos, a alguns dos nossos consagrados artistas que puderam, durante uma época inteira, reincidir em velharias que sempre combatemos, sem se sentirem por nós incomodados...

Não somos nós que dizem sistematicamente mal da crítica e dos críticos. Entendemos que uma e outros devem ser humanos, sem deixarem de ser intrínsecos. Uma crítica que transige trai a sua missão, transforma-se num moral sustentáculo do erro. Uma crítica que ataca por acinte é tão imoral como a primeira porque se desvia do seu objectivo —abrir estradas mais amplas ao ideal artístico.

É muito difícil manter numa secção desta natureza a intrinsecidade que a dignifica. Entretanto, recomeçando a nossa colaboração, estamos dispostos a arrostar com todos os dissabores inerentes à atitude que desejamos manter.

O sr. Augusto do Nascimento, professor do Liceu Pedro Nunes e da Escola Industrial Fonseca Benevides, é também pintor. Não sabemos qual a profissão que exerce nas suas horas vagas. Mas, para bem da instrução, estamos em crer que será a de pintor.

É segundo nos disseram uma criatura moça e culta, pelo que nos regosijamos ainda em nome da Instrução, infelizmente tão desprezada neste pobre país. A pintura não aproveitou, porém, a mocidade e a cultura do sr. Augusto do Nascimento. A sua obra é talhada nos velhos moldes e preconceitos da chamada escola «à livre». Como isso é velho! Como fica mal a uma criatura do nosso século pintar à maneira do sr. Carlos Reis!

O sr. Augusto do Nascimento tinha em arte dois caminhos a seguir: um de renovação, outro de tradição. Escolheu este último. Sujete-se, portanto, à opinião dos que discordam. Deixou-se moldar pelo lugar comum na pintura—tem de escutar os que são contra o lugar comum.

Dentro da velha e condenada escola que segue o sr. Nascimento não é dos piores. Os seus quadros são agradáveis à vista e mais ou menos correctos na cor e no desenho. Não encontramos, porém, um estilo seguro. Notam-se de quando para quando grandes diferenças na maneira de pincelar.

A figura é uma desgraça. Não sabe colocá-la com naturalidade no ambiente da paisagem, seu género preferido. Parece que recortou as figuras e as colocou sobre as telas. Na paisagem, consegue ser sentimental e obter agradáveis harmonias de cor.

De setenta e tantos quadros o que mais nos agrada pela espontaneidade, pela segurança e largueza de técnica, que raras vezes alcança nos outros, foi o *Entrada no lugar*.

Não possui o sr. Nascimento a menor preocupação do inédito, não revela um pouco de sonho de beleza que é a principal característica de um verdadeiro artista.

Tomado, porém, este pintor em relação às misérias picturais que por aí vemos, concluímos que é dos mais suportáveis, apesar do seu atraso de vinte anos no campo das mais largas e mais modernas concepções artísticas.

Se nos fosse permitido dar conselhos, recomendaríamos ao expositor do Salão Bobone menos produção—tanto quadró!... —e mais interesse pela evolução artística que se está operando na Europa.

Mário DOMINGUES

Damascocercada pelos drusos!

ROMA, 3.—Telegramas de Síria dizem que os drusos cercaram completamente Damasco, impedindo o abastecimento da cidade.

UM JULGAMENTO SENSACIONAL

A morte misteriosa de Filipe Daudet

Le Flaoutier confessa ter relações com a polícia e faz uma exposição sobre espiritismo

Nova audiência deste processo, que encerra esta estranha particularidade: quando mais para a frente se anda, mais profundo se torna o mistério.

A sala da audiência estava repleta. Omittamos os factos que em nada poderão interessar o nosso público. Acentuaremos aqueles que nos ajudem a notar de que é capaz um espírito mesquinho e reaccionário para impedir o desenvolvimento duma ideia generosa. Este julgamento é um livro aberto para os libertários do mundo inteiro.

O processo é dos mais complexos que têm aparecido. O seu simbolismo encerra algo de grande e de magistoso. Perante um público interessado, as doutrinas libertárias apresentam-se ao lado duma ideia retrógrada.

Como se intruja a polícia...

A primeira testemunha é o sr. Aik, o fotógrafo que fotografou, para a secção de contos do *Libertaire*, a carta «Minha querida mãe» e a fotografia do jovem Daudet.

Ora esta fotografia tinha sido oferecida em tempos pela família Daudet ao sr. Farallic, sob a promessa de que não a cederia a ninguém.

O sr. Daudet deseja saber por meio de que artes mágicas o *Libertaire* pôde reproduzir.

Explica-o Georges Vidal que relata um facto curioso passado com um polícia que fora fazer um inquérito ao jornal anarquista, munido dessa fotografia.

Vidal e um camarada levaram o polícia à rua Montmartre, ao domicílio de Aik, e aí, sob o pretexto de mostrar o retrato a um amigo, pediram-lhe que o emprestasse por um bocadinho.

O polícia que não era mau rapaz, empurrou a fotografia, mas quando lhe devolveram já a imagem estava reproduzida no cliché de uma máquina fotográfica...

Onde se fala em portas secretas

Pouco depois é introduzida na sala a porteira do prédio onde está a livraria de Le Flaoutier.

—No dia 24 de Novembro de 1923, às 3 horas da tarde, pouco mais ou menos, um inspector entrou no meu quarto.

—Você viu entrar na livraria um rapaz com uns pés muito grandes e uma capa de borraça amarela?

—Daqui não posso ver a entrada da livraria—responde.

—Mas eu caminhando para o lado da loja chamei a atenção do inspector para umas vozes acaloradas.

—Alguns tempo depois, um sujeito veio perguntar-me se eu «não tinha visto nada, nem ouvido», ao que eu respondi negativamente.

—Era esse tal inspector? interroga um advogado.

—Não sei. Não o pude ver pois esta pergunta foi-me feita a distância.

—E você não se admirou de tanta insistência?

—Mas meu senhor, a polícia vinha de 15 em 15 dias pedir informações sobre o livro de Le Flaoutier...

Daudet exclama:

—Ouvem senhores jurados! alguns momentos antes de terem preparado a emboscada em que socubiu o meu infeliz filho, houve quem quizesse saber se a porteira tinha notado alguma coisa!

E logo a seguir ao crime, não houve quem procurasse saber o que a porteira poderia ter notado! Os srs. acham isto natural?

Seguem-se várias testemunhas que nenhuma luz trazem ao caso.

Le Flaoutier e sua mulher que deviam ter sido ouvidos nessa tarde, em virtude da demora havida com as precedentes testemunhas, depõem na próxima audiência.

O clismo de Le Flaoutier revolta a assistência

Sexta audiência.

—Mandem entrar Le Flaoutier.

Produz-se um movimento no público que espera ansioso.

Le Flaoutier! A testemunha base do processo!

—O sr. Daudet pediu a palavra para fazer uma declaração sobre o caso.

—O sr. Daudet pediu a palavra para fazer uma declaração sobre o caso.

—O sr. Daudet pediu a palavra para fazer uma declaração sobre o caso.

—O sr. Daudet pediu a palavra para fazer uma declaração sobre o caso.

—O sr. Daudet pediu a palavra para fazer uma declaração sobre o caso.

A COMÉDIA DOS ENTERROS

A notícia de que dentro de alguns dias Lisboa terá o seu forno crematório a funcionar, enche-nos de satisfação. Tantas vezes temos pensado nas ridículas manifestações que um enterramento ocasiona, que não pudemos deixar de aplaudir um melhoramento que vem fazer desaparecer uma parte da costumeira comédia. De facto, poucos procuram subtrair-se à ignominiosa palhaçada do «enterramento», e quantas famílias há que arrazam o seu mínguaço orçamento só para dar ao morto querido (?) uma... festança que não desmereça das que na vida tinham feito, nos tempos mais chegados?... Que os fornos crematórios não acabaram para já com o sistema espantoso dos enterros, sabemos-lo de sobejo; mas temos a certeza de que eles virão contribuir, e muito, para impulsionar um sentido de simplicidade e correcção um acto que, por ser simplesmente natural, deveria ser tomado pela sua verdadeira significação.

De há muito que resolvemos não colaborar na farçada dos enterramentos e se o fizemos pelo respeito às nossas próprias teorias, procuramos também, assim, respeitar a memória dos que morrem, e a quem deveríamos, pelas leis da actual sociedade, acompanhar, chorosos, à última morada...

Em dois ou três enterros a que assistimos colhemos tão preciosos ensinamentos sobre este assunto, que nos consideramos curados para sempre da aquiescência ao hábito de comparar nestes espectáculos... Tão a gente conhece o que se passa pela ocasião da morte de alguém: «Morreu fulano! E a visinhança em peso comenta o caso. Olha, quem vai ficar bem é cícrico; ele dizia que lhe deixava alguma coisa... Sim, sim! A filha que arranjar a fulana é que não deixa nada. Também era um... E a palavra sai, um pouco a custo, porque o homem ainda está quente e em volta há ouvintes da família ou dos amigos mais íntimos que anseiam ouvir o que dizem as vozes. Mas a farça continua. Fazem-se as participações oficiais e discute-se acaloradamente o orçamento que um agente da Funerária apresentou já, com o seu ar compungido e o profundo sentimento pela morte de tão bondoso senhor... O problema da escolha da urna causa frios suores à família enlutada. Mogno, pau preto ou pau... de pinho com pregadeiras de prata? E o caixão? De 1.ª, 2.ª ou 3.ª? E o carro? E as corças? Por todos os cantos da casa se estudam os mais sentidos dizeres para as fitas das corasinas... Da esposa amantíssima ao adorado marido... Muitos beijos ao seu Papá... Da Nini ao seu amiguinho... Peça a Deus pelos seus amigos tal e tal... Homenagem dos seus empregados...

Por entre os vários «consoladores», cochichando aqui, segredando acolá, sempre com um ar hipócrita no *facies* terroso, o agente dos grandes órgãos da imprensa tira informações sobre a vida do... morto.

E a cada adjectivo que mete no artigo fúnebre corresponde, na competente tabela, um certo número de escudos. Notícia baratinha não merece mais do que bondoso extinto, estimado industrial... Mas se a família tem com que pagar, sem hesitações, o artífice vende-se um pouco mais caro, porque nele se incluem os adjectivos dos grandes acontecimentos, e vá de despejar a ródos o altruísmo — o exemplo raro de virtudes — o benemerito bondoso, o cidadão insigne! Que importa que o extinto tenha sido um autêntico bandido? A família paga... tem pois direito a ser bem servida.

Há a seguir a toda esta grande farçada uns momentos de silêncio impressionante. E a hora última, aquela em que é costume fazer-se as tocantes despedidas. Todos os assistentes pregam os olhos na viúva, numa expectativa ansiosa de bem representado papel. E aí começam os gritos lancinantes por onde a própria visinhança mede o sentimento da família enlutada. Dentro de casa alguns dos amigos começam a sentir-se mal, e procuram abreviar a cena, ansiosos por acabar o... frete.

O caixão começa a descer a escada e há um suspiro de alívio entre os homens menos propensos à choradeira oficial. Rua fora começa a desenvolver-se a bicha dos amigos, chapéu na mão, ar contrito, conversando baixo sobre as cenas últimas. Dentro em pouco as conversas aquecem e o morto esquece. Pelos passeios, vários transeuntes, chapéu na mão, param a ver se há algo de beleza no *acompanhamento*, que passa. Tem no rosto estampada a mesma máscara que toda a gente afvela para estes espectáculos: um ar hipocritamente triste, o ar de respeito pelos mortos, êles que absolutamente desprezam os desgraçados enquanto vivos. Quantos desses mudos espectadores, tão respeitáveis, acabaram de cometer as maiores infâmias sobre desgraçados indefesos!

Mas é de boa educação descobrir-se quando um morto passa, e esta espécie de gente respeita muito as leis da «boa sociedade»...

Que queremos nós? Queremos que se seja verdadeiro! Queremos livrar aqueles que amam os que lhes morrem, do espectáculo infamíssimo a que o hábito e a nossa péssima educação actual os sujeita. Queremos que se fure quanto possível a família enlutada ao espectáculo repugnante e hipócrita que vimos de descrever. Pois não seria preferível, mil vezes, afastar o cadáver o mais rapidamente possível do lar a que pertenceu em vida? Porque este culto da morte que obriga toda a família a sofrer ainda mais do que já sofre com a perda do ente querido? Será crime furtar os doridos a fixar a máscara livida da morte, a beija-la até, como tantas vezes acontece?

Tudo! Tudo quanto se faz por estas ocasiões tende a forçar mais a nota triste do acontecimento. Fecham as janelas, e a penumbra contribui com o seu «amolecimento» para mais entristecer os que sentem a morte do que se finou.

Veste-se de preto e a cor das roupas lá está sempre a lembrar aos doridos o «nunca mais voltar». Proíbem que se riem, que frequentem os espectáculos, as diversões, o ar livre!

Quanto, sem forças para lutar contra o preconceito estúpido, chegam a odiar a causa do seu luto, não sentido?

Acabemos com o péssimo hábito. Pugnem por simplificar o triste espectáculo subtraíndo-nos quanto possível à Dór! Sejamos sobretudo — verdadeiros!

A cura das doenças pelas plantas, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

A cura das doenças pelas plantas, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

A cura das doenças pelas plantas, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

A cura das doenças pelas plantas, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

A cura das doenças pelas plantas, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

A cura das doenças pelas plantas, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

A cura das doenças pelas plantas, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

A cura das doenças pelas plantas, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

A cura das doenças pelas plantas, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

A cura das doenças pelas plantas, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

A cura das doenças pelas plantas, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

A cura das doenças pelas plantas, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

A cura das doenças pelas plantas, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

A cura das doenças pelas plantas, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

A cura das doenças pelas plantas, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

A cura das doenças pelas plantas, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

A cura das doenças pelas plantas, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

A cura das doenças pelas plantas, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

A cura das doenças pelas plantas, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

A cura das doenças pelas plantas, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

A cura das doenças pelas plantas, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

A cura das doenças pelas plantas, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

A cura das doenças pelas plantas, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

A cura das doenças pelas plantas, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

A cura das doenças pelas plantas, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

DESPORTOS

CICLISMO

E já no próximo domingo a II Volta de Lisboa

Para dar uma regular continuidade à prova ciclista que em Outubro do ano findo fez disputar pela primeira vez, o «Sport de Lisboa» faz disputar no próximo domingo a «II Volta de Lisboa em bicicleta».

As inscrições têm aumentado extraordinariamente nos últimos dias, dando quase a certeza de que a prova vai ter este ano um número bastante mais elevado de concorrentes. A volta de Lisboa é uma prova aberta a todos os que se entregam ao excelente desporto, visto que sendo relativamente pequeno o seu percurso, podem até tomar parte senhoras ou crianças, tornando-se por isso fácil acreditar que o elevado número de concorrentes marcará, como no ano findo.

A «II Volta de Lisboa» irá de certa maneira acentuar que marca no calendário ciclista do país inteiro, como a prova mais popular e mais interessante.

São seis as categorias em que a prova é disputada: Meninas dos 12 aos 15 anos, senhores, rapazes dos 12 aos 15 anos, corredores fracos, corredores fortes, veteranos (ciclistas com mais de 45 anos), militares do exército e da armada.

A inscrição, que pode ser feita na sede da U. V. P. ou nos escritórios do jornal organizador da prova, tem a taxa de \$500.

A descriminação do trajecto, em metros, é a seguinte: Xabregas-Beato, 900; Beato-Poço do Bispo, 1.100; Poço do Bispo-Oliveira, 3.000; Oliveira-Moscavide, 1.600; Moscavide-Encarnação, 2.400; Encarnação-Charneira, 2.300; Charneira-Ameixoeira, 800; Ameixoeira-Carriche, 3.200; Carriche-Pontinha, 4.800; Pontinha-Benfica, 2.400; Benfica-Av. 14 de Maio, 1.100; Av. 14 de Maio-Portas de Queluz, 2.700; Portas de Queluz-Rómios, 2.300. Total, 32.200 metros.

Na MIRAGEM, o novo original de C. Selvagem que hoje em 1.ª edição de assinatura sobre a cena deste teatro, tem Ester Leão papel de difícil exteriorização; e Luís Pinto, R. Lopes e C. Pinto, três brilhantíssimas figuras.

Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico do Estoril

Aberto todo o ano

Banhos de água mineral e salgada. Banhos carbo-gasosos e sulfurosos artificiais. — Duches. — Lamas. — Banhos de limpeza. — Tratamentos de luz, calor, electricidade e massagem.

Irradiações de raios ultra-violetas

Tratamento do reumatismo, gota, nevralgias, doenças cardio-vasculares, doenças de senhas; paralisias; linfatismo; doenças da pele, etc.

Aberto todo o ano. Consulta das 9 às 12 horas.

APOLLO

Esta noite encenar-se há este teatro para mais uma vez consagrar o belo e formidável trabalho de Alves da Cunha no dramático SALTIMBANCO.

Acaba de aparecer:

Preço de revolta

Carta-protesto, em verso, dirigida ao presidente do ministério contra as deportações.

Preço 1\$00; pelo correio, 1\$20; registado, 1\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

EDEN TEATRO

Soc. Comercial de Teatros, L.ª

Telef. 11. 3500

Direcção artística de HENRIQUE SANTANA

A's 21,15 — HOJE — A's 9 1/4

ESPECTÁCULO INTEIRO

prosegue na sua gloriosa carreira a espiritosa e galante revista

No País do Tirismo

Original de João Saraiva e António Carneiro

LINDISSIMA MÚSICA de Filipe Duarte e Nicolino Milano

BRILHANTE DESEMPENHO com CREMILDA DE OLIVEIRA e mais artistas

OS COMPERES POR Henrique Alves e Guilherme Caupers

Peça de grande aparato

A coroação da Rainha dos Mercados

Movimentada e artística encenação de Henrique Santana e Henrique Alves

Lindo guarda roupa

Deslumbrantes cenários

TIVOLI

TEL. N. 5171

AS 8 h. 3/4

A TERRA DE PROMISSÃO

Superfilm em dez partes

COM —

RAQUEL MELLER

Duas cine farças com

PAMPLINAS e VIRGINIO

Uma revista de actualidades

ORQUESTRA DE ARTE

Amanhã matinee às 3 horas

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Notícias

Reabre efectivamente esta noite as suas portas o teatro Nacional, representando-se pela primeira vez, o novo original de Carlos Selvagem, o drama em 4 actos «Miragem» em que entram os principais artistas daquele teatro, sendo o principal papel feminino e principal papel da peça desempenhado pela distinta e inteligente actriz Ester Leão.

A Companhia Lucília Simões leva amanhã à scena e pela primeira vez, a deliciosa comédia de Fiers e Caillavel, «O Leque» em que Lucília Simões tem um trabalho notabilíssimo. A peça dará apenas duas representações, esta noite e amanhã, visto que no sábado se representa «A Rajada» e no domingo «Zaza», ambas em récita únicas.

Agradou infinitamente o elegante Salão Olímpia, a estreia do artístico film «A Roda» dividido em 20 partes e interpretado pelos melhores artistas franceses.

Quatro representações, quatro encontros. É este o registo do Eden-Teatro respeitante à notabilíssima revista de António Carneiro e João Saraiva, «No País do Tirismo» que o público consagrou definitivamente, tendo deixado prever que ela se manterá em scena toda a época de inverno, dado o encanto de que está revestido e o agrado, em todas as camadas sociais, que obteve e está obtendo, andando já de boca em boca os seus ditos de espírito e os seus números de sucesso, garantido em toda a parte. «No País do Tirismo» é, sem favor, uma das melhores revistas dos últimos anos.

É interessantíssimo o programa que esta noite se realiza no Coliseu dos Recreios e no qual tomam parte todas as celebridades da grande companhia de circo que ali está a exhibir-se com o maior e mais extraordinário sucesso. A foca amestrada, que executa os mais surpreendentes exercícios de jonglage, tem feito a admiração de toda a gente que aplaude, com entusiasmo os seus domesticadores, os célebres artistas Palerno and Partnere, iguais aplausos sendo dispensados ao impagável artista Enhart, hoje justamente reputado o primeiro cómico do mundo.

Amanhã realiza-se uma grandiosa matinee elegante com um programa surpreendente.

ACREDITA:

A fratura geral, a tuberculose, a anemia, o excesso de fadiga, o enfraquecimento orgânico são fadigas que um infimio poderoso

A

NUCLEO CALCINA

TÔNICO ENERGICO

ESCINTÍFICO

Usado pessoalmente pelos nossos primeiros médicos

Superior a todas as imitações nacionais e estrangeiras

LABORATÓRIOS DE FARMACIA SARMOSIN

Draca dos Restauradores, 18 LISBOA

Acaba de ser posto à venda:

As três Internacionais

Amsterdã—Moscóvia—Berlín

Por SCHAPIRO

Interessante estudo, devidamente documentado, sobre a questão das Internacionais Sindicais dividido pelos seguintes capítulos:

I—Introdução. II—O despertar operário nas vésperas da guerra. III—O grande silêncio. IV—A esperança na revolução russa. V—As bifurcações sindicais. VI—Os princípios das Internacionais. A Federação Sindical Vermelha, A Associação Internacional dos Trabalhadores. VII—Influências políticas. VIII—Fusionismo e confusãoismo. A bandeira da I Internacional.

1 folheto de 36 páginas com uma elegante capa, 1\$00; pelo correio, 1\$20.

Pedidos à administração de A Batalha.

São Carlos

Amanhã, em récita da moda, faz-se «reprise» da espiritosa comédia O LEQUE, sábado e domingo sobem à scena as celebradas peças A RAJADA e a popular e emotiva ZAZA.

Teatro Nacional

Sociedade Artística

Director-gerente

Luís Pinto

HOJE, 4

Inauguração da época de inverno com a peça em 4 actos original de

CARLOS SELVAGEM

MIRAGEM

Interpretada pelas actrizes

ESTER LEÃO PALMIRA TORRES

ALBERTINA DE OLIVEIRA

Encenação do professor

António Pinheiro

'A Batalha' na provincia e arredores

Leixões

A batota, a imprensa do burgo e as eleições

LEIXÕES, 29.—No que diz respeito a imprensa está esta vila servida à maravilha. Nada menos de três jornais, qual deles mais... «avança do progresso», lançam semanalmente à publicidade as preciosas informações e educativas que, num trabalho exaustivo, os seus colaboradores diariamente colhem para ministrar aos seus numerosos leitores...

Temos na nossa frente um dos últimos números da *Vida Nova*. Este jornal, órgão dos «bons» desta vila, nasceu de azoragume em punho há coisa de três anos, e nós somos obrigados a confessar que as suas vergastadas sobre o jôgo e seus adeptos eram absolutamente merecidas e a campanha encetada grandemente simpática, tanto mais que a população não via com bons olhos o espectáculo degradante do jôgo.

Em números seguidos e em grossos caracteres, a *Vida Nova* alcinha de gatuños, bandidos, quadrilheiros, etc., os homens do pano verde. Mas, a certa altura, o jornal cançou-se... e como consequência tem-se jogado livremente na vila e não há quem se levante a protestar, pelo menos contra o ingresso dos menores nas casas de tavolagem. Certamente que os diversos delegados do governo não desconhecem o que sobre batota aqui se tem passado, mas suas excelências nenhuma importância ligam ao caso, tanto mais que os quadrilheiros repartem os seus «lucros» pelas instituições de assistência.

Isto é tão vergonhoso que a imprensa local devia tomar a seu cargo o combate da jogatina uma vez que as autoridades o não querem fazer. Mas o pior é que as eleições estão à porta, e se delas não cuidarem não terão a quem se encostar no futuro para conseguirem viver «felizes e honrados» os órgãos das várias correntes políticas. E para os jornalcos que aqui vegetam as eleições são tudo, e a linguagem com que puxam a brado, a sua sardinha atinge as culminâncias mais acadêmicas...

MARCO POSTAL

Belmonte.—C. V. L.—Diário e suplemento pagos até 31 de Janeiro. Renovação até 1 de Fevereiro. Quanto aos livros vamos indicar.

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE NOVEMBRO

1	11	18	25	HOJE O SOL
2	12	19	26	Aparece às 7,07
3	13	20	27	Desaparece às 17,34
4	14	21	28	FASES DA LUA
5	15	22	29	1. C. dia 30 às 8,11
6	16	23	30	2. M. " 8 " 12,13
7	17	24	—	3. N. " 8 " 16,28
8	18	25	—	4. C. " 23 " 2,66

MARES DE HOJE
Fraisamar às 4,52 e às 5,09
Eaixamar às 10,22 e às 10,39

CAMBIO

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		95\$25
Madrid cheque		2\$82
Paris, cheque		\$82
Suiza, cheque		3\$79
Bruxelas cheque		\$89
New-York, cheque		19\$65
Amsterdão		7\$92
Itália, cheque		\$78
Brasil, cheque		3\$00
Praga, cheque		\$59
Suécia, cheque		\$27
Austria, cheque		2\$78
Berlim, cheque		\$70

ESPECTACULOS

TEATROS
Nacional.—As 21.—«Miragem».
São Carlos.—Não há espectáculo.
Politeama.—As 21,30.—Quando o amor acaba.
Ipote.—As 21,15.—«O Salimbanco».
Gimnasio.—Não há espectáculo.
São Luis.—As 21.—«A Montaria» e «Canção do Olvido».
Rendão.—As 21,15.—«O Pão de Ló».
Eden.—As 21,15.—«No país de tirismos».
Maria Vitória.—As 20,30 e 21,30.—«Rataplan».
Coliseu.—As 21.—«Companhia de circo».
Santo Toy.—Animatógrafo e Variedades.
Oli Vicente (a Graça).—As 20.—Animatógrafo.
Trença Parke.—Todas as noites. Concertos e diversões.

CINEMAS

Tivoli.—Olimpia.—Central.—Condes.—Chiado Terrace.—Ideal.—Arco Bandeira.—Promotora.—Esperança.—Torreão.—Cine Paris.

Lêde o Suplemento de "A Batalha"

AOS MARCENEIROS

BAIXA DE PREÇOS

Vendas a dinheiro

Nogueira seca, serrada em 25-55-75, desde	1.800\$00 m. 3
Castanho seco, serrado, em 25-55-75, desde	1.300\$00 m. 3
Fresco seco, serrado, em 25-55-75, desde	1.000\$00 m. 3
Cedro	1.300\$00 m. 3
Amieiro	700\$00 m. 3
Urmo	25-55-75 900\$00 m. 3
Taboalha	25-55-75 850\$00 m. 3
Ilhada, desde	86\$00 m. 3
Guarnição garrida e 2 filetes, desde	355 m. 3
Guarnição seco e grade, desde	1\$10 m. 3
Cinzelhas frescas p. guarda-pratas, desde	35\$00 m. 3
Balaustras c/ 4-6-7-8-9, desde	335 c. 3
Maquetinas c/ 1-2-3, desde	1\$00 m. 3
Pés de amieiro c/ 5-10-11-12-15, desde	1\$00 m. 3
Colunas nogueira para guarda-pratas, desde	6\$00 m. 3
Colunas amieiro para guarda-pratas, desde	4\$50 m. 3
Talha completa para guarda-pratas e aparadores, desde	60\$00 m. 3
Talha completa para cozinhas e 2 hastes (ornato), desde	30\$00 m. 3

68—Campo dos Mártires da Pátria—68
J. FERREIRA

Suplemento semanal ilustrado de "A Batalha"

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa ótima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonzo, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.
O seu preço é: 1 volume com 420 páginas, 4\$800.
Encadernação (por capas e índice), 20\$00.
Capas e índice em separado, 15\$00.
Pedidos de colecções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.
Capas e índice em separado, 15\$00.
Pedidos de colecções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

CONSELHO TECNICO

DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os géneros, jazigos em todos os géneros, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as provéncias.

Telefone — 539 Trindade

Escritório:

Calçada do Combro, 38-B. 2.º

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metal Auer, assim como todas as pedras, lâmpadas, molinos, chaminés de 3 e 4 peças, lampões. Vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 55 e quiosque. Dirigidos por Francisco Pereira Lata. É a casa que fornece em melhores condições.

PARA CALÇADO

HOMEM, SENHORA e CRIANÇA

Grande variedade de modelos

Sobre medida, executada-se com rapidez

SAPATARIA MENDES

RUA DO POÇO DOS NEGROS, 3 e 5—LISBOA

FOTOGRAFURA

TRICROMIA

ZINCOGRAFIA

DESENHO

GRANDE PREMIO

RIO DE JANEIRO 1908

GRANDE PREMIO E

MEDALHA DE OURO

LISBOA 1913

PREMIO DE HONRA

LEIPZIG 1914

OFICINA FOTOMECANICA

Largo do Conde Barão, 49

LISBOA

TELEPHONE

3554

C

LIMAS NACIONAIS

UNIAO

MARCAS REGISTRADAS

União Tomé Ferreira, Ltd., rivalizam em preço e qualidade com as melhores limas do Mundo! Experimentem, pois, as nossas limas que se encontram à venda em todas as boas estabelecimentos de ferragens do país.

ACABA DE SAIR

O Sindicalismo Revolucionário e a

Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fugoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor: Preço 1\$00.

Pedidos à administração de A Batalha.

A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arkonof. Preço \$50.

A BATALHA

A todos os sindicatos operários do país
Estando já a compor-se o ALMANAQUE DE A BATALHA para 1926, no qual se pretende inserir uma lista, o mais completa possível, de todos os organismos existentes no país, pedimos a todos os sindicatos que preencham o questionário abaixo imediatamente e o envie à nossa administração, pois as respostas que vierem depois do dia 10 do corrente não poderão já ser incluídas no Almanaque do próximo ano.

QUESTIONARIO

Título do Sindicato _____

Sede _____

Data da fundação: dia _____ de _____ do ano de _____

Tem escola? _____ Para crianças? _____ Para adultos? _____

Indicar a quantidade de alunos: _____

População associativa: _____

homens _____

mulheres _____

Mais sindicatos instalados na sua sede _____

ou na mesma localidade (freguesia ou concelho): Títulos e sedes: _____

Sindicatos da mesma especialidade ou indústria noutras terras do país: Títulos e sedes: _____

A's duas últimas perguntas basta que se indiquem os sindicatos que não estejam federados ou não tenham federação de indústria.

Este questionário deve ser cortado e depois de preenchido enviado em envelope aberto com estampilha de 15 centavos, vindo acompanhado de ofício, em carta fechada com estampilha de 40 centavos.

Este questionário deve trazer o carimbo do sindicato

ANÚNCIO. — Pelo presente anúncio se faz público que no dia 30 do próximo mês de Novembro, pelas 13 horas, perante a Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste e na sua sede, rua de São Mamede, 63, ao Caldas, Lisboa, se há de proceder a concurso público para a adjudicação da compra de 20.000 quilos de azeite de oliveira, em 4 lotes de 5.000 quilos.

Para ser admitido à licitação deverá o concorrente mostrar que efectou em qualquer das Tesourarias dos Caminhos de Ferro do Estado, até às 15 horas do último dia útil anterior ao do concurso o depósito provisório de 600\$00, para cada lote.

O concorrente a quem for feita a adjudicação terá de reforçar o seu depósito provisório no prazo de 8 dias contados da data em que a mesma lhe for notificada, com a quantia necessária para prefezer 5% da importância total da mesma adjudicação constituindo, assim, um depósito definitivo que por intermédio da Direcção do Sul e Sueste, será transferido para a Caixa Geral dos Depósitos onde ficará à ordem da mesma Direcção.

Este esforço deverá efectuar-se na mesma Tesouraria em que tiver sido realizado o depósito provisório, devendo na ocasião ser entregue uma folha de papel selado não utilizada.

As propostas serão feitas nos modelos especiais que o Caminho de Ferro fornecerá e só essas poderão ser tomadas em consideração.

O programa do concurso e o respectivo caderno de encargos acham-se patentes no Serviço de Armazens Gerais, calçada do Correio Velho, 17, 1.º, Lisboa, e na Direcção do Minho e Douro, Porto, onde podem ser examinados em todos os dias úteis, das 11 às 16 horas.

Lisboa, 28 de Agosto de 1925.—Pelo engenheiro chefe do Serviço de Armazens Gerais, (a) Júlio José dos Santos.

A sair por estes dias a 8.ª SERIE DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico, profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.

A obra mais barata que no género se publica

Assinem

Os Mistérios do Povo

170, Rua da Boavista, 172

!! SENHORAS !!

Garantia absoluta contra as perturbações que a gravidez possa causar

Usai os "Ovules Sterelisatrices" Z. O. L.

Enviam-se instruções pelo correio em carta fechada

A' venda no depositário geral para Portugal e Colónias—Fernando da Silva,

188, Rua da Madalena, 190, e na Farmácia Mendes Braga, 133, Rua do

Mundo, 135; Farmácia Portugal, Rua Augusta, 218, e no Porto: Farmácia Central

de Salgado Lencart, Rua 31 de Janeiro, 272.

Revista Grafica

A 1 e 15 de cada mês

Preço esc. 1\$50

Caminhos de Ferro do Estado

Direcção do Sul e Sueste

Serviço de armazens gerais

Concurso para a adjudicação da compra de azeite de oliveira.

ANÚNCIO. — Pelo presente anúncio se faz público que no dia 30 do próximo mês de Novembro, pelas 13 horas, perante a Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste e na sua sede, rua de São Mamede, 63, ao Caldas, Lisboa, se há de proceder a concurso público para a adjudicação da compra de 20.000 quilos de azeite de oliveira, em 4 lotes de 5.000 quilos.

Para ser admitido à licitação deverá o concorrente mostrar que efectou em qualquer das Tesourarias dos Caminhos de Ferro do Estado, até às 15 horas do último dia útil anterior ao do concurso o depósito provisório de 600\$00, para cada lote.

O concorrente a quem for feita a adjudicação terá de reforçar o seu depósito provisório no prazo de 8 dias contados da data em que a mesma lhe for notificada, com a quantia necessária para prefezer 5% da importância total da mesma adjudicação constituindo, assim, um depósito definitivo que por intermédio da Direcção do Sul e Sueste, será transferido para a Caixa Geral dos Depósitos onde ficará à ordem da mesma Direcção.

Este esforço deverá efectuar-se na mesma Tesouraria em que tiver sido realizado o depósito provisório, devendo na ocasião ser entregue uma folha de papel selado não utilizada.

As propostas serão feitas nos modelos especiais que o Caminho de Ferro fornecerá e só essas poderão ser tomadas em consideração.

O programa do concurso e o respectivo caderno de encargos acham-se patentes no Serviço de Armazens Gerais, calçada do Correio Velho, 17, 1.º, Lisboa, e na Direcção do Minho e Douro, Porto, onde podem ser examinados em todos os dias úteis, das 11 às 16 horas.

Lisboa, 28 de Agosto de 1925.—Pelo engenheiro chefe do Serviço de Armazens Gerais, (a) Júlio José dos Santos.

Biblioteca de Instrução Profissional

Manuais de officios

Construção Civil

Materiais de construção

Considerações gerais. Pedras de construção, aviamentos, cal, arcas, pozolanas, gessos e produtos cerâmicos, madeiras para construções, ferro, metais e substâncias diversas, etc., por JOÃO EMILIO DOS SANTOS SEGURADO.

1 volume de 440 páginas, encadernado em percalina 20\$00

Terraplenagens e alieceres

Estudo sobre terraplenagens, isto é, sobre os movimentos da terra, escavações, aterros, transporte, preços. Reconhecimentos de terreno por meio de pesquisas e sondagens, diversos sistemas de fundações, drenagens, Descrição geral dos andáimes e escombramentos empregados nas construções. Elementos ornamentais, por JOÃO EMILIO DOS SANTOS SEGURADO.

1 volume de 230 páginas, encadernado em percalina 13\$00

Trabalhos de Carpintaria Civil

Descrição de ferramentas, Estudo de sabiagens, máquinas, aplicação das madeiras nas construções civis, vigamento de sobrados, madeiramento dos telhados, cálculos, construções ligeiras de madeira, portas, janelas, escadas, lambris, etc., por JOÃO EMILIO DOS SANTOS SEGURADO.

1 volume de 335 páginas, encadernado em percalina 16\$00

Diversas indústrias

Condutor de Máquinas

Descrição dos diferentes tipos de máquinas e de caldeiras de vapor; seu funcionamento; regras gerais para a sua condução e conservação; turbinas; sua classificação e descrição, etc., por CARLOS PEDRO DA SILVA.

1 volume de 400 páginas, encadernado em percalina 20\$00

"A BATALHA" No Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

Lêde o Suplemento de A BATALHA

as coisas chegaram a um tal ponto, que em Londres o governo foi obrigado a promulgar dois editos, cujos títulos são: (O bispo toma dois pergaminhos de cima da mesa e lê.) «Edito contra os capitães e soldados que recusam passar a França por terror que lhes inspira os maledictos da Donzela.» Ainda há coisa melhor do que isto... Vou lê-lhe confidencialmente a passagem bem significativa de uma carta dirigida pelo regente, o duque de Bedford, ao conselho do rei da Inglaterra, Henrique VI. Escute, conego, e medite (O bispo lê). «... Tudo nos tem corrido bem até à ocasião do cerco de Orleans; desde então, a mão de Deus descarregou os mais duros golpes sobre a gente do nosso exército. A causa principal deste infortúnio foi, segundo creio, a funesta opinião e o funesto temor que os nossos soldados tinham dum discípulo do demónio, dum sabujo do inferno, chamado a Donzela, a qual usou de falsos encantamentos e de feitiçarias, cujos golpes e derrotas não somente diminuíram muito o número dos nossos soldados, mas abateram de um modo assombroso a coragem daqueles que nos restam.» (O bispo torna a pôr os pergaminhos em cima da mesa, dirigindo-se ao outro sacerdote sempre impassível.) O encanto de meio século de vitórias está quebrado, o entusiasmo voltou às populações; e se Carlos VII não tivesse sido a indolência, e a cobardia em pessoa; se o duque de Bedford não tivesse prometido a soberania do Poitou a La Trémouille, grandes vantagens ao bispo de Chartres e a Gaucourt, se eles não servissem secretamente e fizessem prevalecer os interesses da Inglaterra no seio do conselho real; finalmente, se não fôsse a captura da Donzela em Compiègne, a França tornava a ser... francesa! cinquenta anos de lutas e de vitórias seriam perdidos, e Henrique VI não cingiria mais as duas mais belas corôas do mundo... Mas, deixemo-nos de ilusões, Henrique VI já não é rei de França senão de nome... as províncias que ele ainda possui no centro da Gália estão a ponto de lhe fugir. As vitórias daquela endiabrada despertaram o sentimento patriótico, por tanto

tempo adormecido; por toda a parte renasce a esperança; sentem-se envergonhados do jugo estrangeiro e amaldiçoam-no; o poder de Inglaterra neste país acha-se altamente comprometido... Ora, para nós outros que nos fizemos ingleses, é a ruína, a proscrição ou a força, no caso em que o partido francês fique vencedor! Tal é portanto o verdadeiro estado das coisas. Se Carlos VII triunfa, estamos perdidos.

O conego Loyseleur.—Evidentemente, senhor, pude convencer-me desta verdade por ocasião da minha última e secreta entrevista com o emissário do senhor de La Trémouille. Este senhor, posto que supremo conselheiro de Carlos VII, é, no fundo da alma, tão inglês como nós, e tem não menos desejo do que nós de ver seu amo vencido.

O bispo Cauchon.—Desde o momento em que existe o mal, é preciso empenhar todos os esforços para remediar determinando a sua causa... Ora, qual é esta causa?

O conego Loyseleur.—E' Joana! a endiabrada Donzela... verdadeiro instrumento do demónio.

O bispo Cauchon.—Não entendemo-nos muito bem. Portanto o senhor de Flavy tendo, a instigação de La Trémouille, atraído a Donzela a Compiègne, sob pretexto de a chamar em socorro da boa gente desta cidade, arremessou com a nossa heroína para a frente, mandando levantar a ponte depois dela ter passado; de modo que enfim ela acha-se presa...

E' preciso agora que tiremos o melhor partido possível da nossa captura. Resumamos os factos. Os soldados de Inglaterra estão convencidos que enquanto Joana viver eles serão sempre batidos pelos franceses... Se assim sucede, a dominação inglesa desaba, e esmagam os debaixo das suas ruínas. A fim, pois, de nos preservar desse infortúnio o que se deve fazer? Restituir a coragem aos ingleses fazendo desaparecer o objecto do seu medo... Joana!... Portanto Joana deve morrer... A Donzela deve ser queimada viva...

O conego Loyseleur.—A lógica assim o exige. Ela deve ser julgada, condegada e queimada.

O bispo Cauchon.—Certamente! logicé, é mister que ela seja assada...; mas aqui apresentava-se uma dificuldade muito grave... Os capitães ingleses, altivos e possuídos dos princípios da cavalaria, teriam considerado uma cobardia o matar pura e simplesmente a sua prisioneira, que os tinha vencido à força de génio militar e em combates legais; eles receavam, mandando matar Joana na prisão de incorrer o desprezo daqueles que usam esporas e trazem uma espada à cinta. Então, o cardeal de Winchester e eu falámos-lhes nestes termos: «Vós, chefes de guerra, vós não podeis matar uma prisioneira caída em vossas mãos pela sorte das armas; mas a Igreja pode fazer mais do que isso...; a Igreja deve, ao primeiro requerimento da Santa Inquisição, proceder contra uma feiticeira, uma invocadora de demonios, fazê-la cúmplice de bruxaria, de heresia, e entregá-la ao braço secular... que a queime... que a mande assar para glória eterna de Deus...»

O conego Loyseleur.—E' esse o direito da Igreja católica, nossa santa mãe.

O bispo Cauchon.—E há de usar desse direito... porque tão depressa a Donzela seja lançada à fogueira como feiticeira, os terrores dos soldados da Inglaterra desaparecerão, e o poder de além-mar, a estas horas tão gravemente abalado na Gália, será restabelecido.

«La Trémouille continua a servir-nos, com a esperança de obter o Poitou por domínio, o exército inglês reconquista tudo quanto perdeu nestes últimos tempos, apodera-se das províncias que lhe restavam para invadir; Carlos VII, completamente desapossado, posto que tenha sido sagrado em Reims, vai viver para Londres, como o bom rei João seu avô; ele esquece a realidade de França, nós não temos mais nada a recar, e o arcebispo de Ruão é meu. Estabelecida assim a questão, trata-se de fazer com que Joana seja assada, mas por outros termos, isto é, fazendo-a cúmplice de heresia.

O conego Loyseleur.—Tudo consiste nisso, senhor.

Encaminharemos o negócio em conformidade com as suas ideias.

O bispo Cauchon.—Sim, tudo absolutamente... Examinemos de novo as probabilidades do processo que lhe é intentado. Um primeiro obstáculo se oferece, a saber: um recurso directo de Carlos VII ao papa; este príncipe poderia com efeito suplicar ao nosso santo padre que usasse de toda a sua influência a fim de impedir que a Inquisição prosiga a sua acusação de heresia contra a Donzela. E' a esta rapariga que Carlos VII deve a corôa, pois achava-se quase destronado antes da sagração de Reims; o mais vulgar reconhecimento, o menor respeito humano lhe ditam este passo, ainda mesmo que tivesse a certeza de ser mal sucedido... Mas nós sabemos o que vale o reconhecimento dos reis...

O conego Loyseleur.—Adquiri a certeza formal, por ocasião da minha entrevista com o emissário de La Trémouille e do bispo de Chartres, que este passo de Carlos VII para com o nosso santo padre não seria tentado; o processo de heresia seguirá tranquilamente o seu curso... Muito mais, o bispo de Chartres encarregou-se de destruir os notáveis de Reims da captura da Donzela, e de lhes fazer presentir a sorte que a esperava; ele exprimiuse nestes termos que me transmitiu fielmente o seu emissário, e que eu tive o cuidado de notar, ei-los: (O conego lê). «O bispo de Chartres faz saber aos seus habitantes de Reims que a Donzela foi feita prisioneira em Compiègne, porque não queria acreditar em nenhum conselho e fazia tudo a seu belo prazer.»—O bispo acrescenta que «a respeito do boato que corre que os ingleses farão morrer a Donzela, Deus permitiu que assim seja, porque ela tornou-se orgulhosa, usava trajes de homem, e não obedecia ao que Deus lhe ordenava.» Bem vê, senhor, que uma tal carta, escrita por um bispo, membro do conselho real, não nos deixa a menor dúvida que Carlos VII não intervirá nem directa, nem indirectamente junto do nosso santo padre a respeito

A LUTA CONTRA A BAIXA DE SALÁRIOS

Os corticeiros de Castelo Branco, Vendas Novas e Setúbal, correspondendo à proclamação da Federação Corticeira, aderiram à greve geral da classe

A-pesar do governo estar a auxiliar os industriais, os grevistas mantêm-se unidos como no primeiro dia

A tradição revolucionária da classe corticeira, a-pesar das crises que tem passado a sua organização, ainda se mantém viva, ainda mantém toda a sua fulgurância. O movimento grevista iniciado no sábado contra a baixa de salários é uma clara demonstração do que atrás afirmamos. Secundado apenas pelo operariado de algumas localidades nos primeiros momentos, ele hoje é geral, englobando a bonita cifra de 9.000 grevistas que representam cerca de 30.000 pessoas atingidas pela greve.

Podem-se asseverar que poucas greves viram no seu começo semelhante espírito revolucionário que é bem do carácter dos corticeiros.

O patronato, não sabendo como vencer a heróica resistência dos grevistas, procura salvar-se duma situação da qual é único agente responsável. Reconhecendo que em cada corticeiro palpita um anseio grande de vitória recorre a todos os trunfos e a mais disparatados, ainda os mais inconvenientes.

Já se registaram, a confirmar as nossas asserções, os primeiros actos impoliticos dos industriais, que se valerão do Estado para esmagar a greve.

A fábrica Matinha, do Poço do Bispo, requisitou da Manutenção Militar militares para um carregamento que se fez de cortiça. O Estado, cuja missão devia ser neutral nestes conflitos, subserviente acedeu ao pedido daquele industrial.

O Estado, na pessoa do governo, longe de meter na ordem os industriais desordeiros, alimenta-lhes a desordem fornecendo-lhes armas que mais irritam a greve.

Mas não será a subserviência do governo que levará de vencida os grevistas, que mais do que nunca se encontram unidos e corajosos!

Nota do Comité dirigente da greve

Camaradas: O movimento proclamado pela Federação Corticeira mantém-se inextinguível em todas as localidades de que demos ontem nota.

Temos hoje a acrescentar à nota publicada ontem que os corticeiros de Castelo Branco, Setúbal e Vendas Novas aderiram à greve. Em todo o operariado reina o mais franco entusiasmo e a mais decidida vontade de esmagar as pretensões do industrialismo corticeiro.

Este comité está realizando alguns trabalhos junto dos elementos que dispõe para levar a bom termo o movimento que se encontra muito bem encaminhado e em vias de termo vitorioso.

Hoje deve realizar-se uma conferência entre representantes das Federações Corticeira e Marítima a fim de conseguir-se que os corticeiros não continuem a ser preteridos pela concorrência dos descarregadores de mar e terra em algumas localidades, realizando trabalhos que pertencem aos corticeiros.

Do resultado desta conferência será dado conhecimento à classe corticeira numa p. f. n. a.

Viva a classe corticeira!
Viva a solidariedade operária!

O Comité

No Poço do Bispo

O movimento grevista dos corticeiros prossegue sem defecções na área do Poço do Bispo. Todos os corticeiros encontram-se firmes e dispostos a prosseguir até final, mesmo que para isso tenham que empregar os últimos recursos.

Ontem voltaram a reunir os grevistas em assembleia que se ocupou da marcha do movimento. Como fosse dado conhecimento à classe, da traição dos encarregados e empregados de escritório da firma Peninsular Kork, os quais descarregaram alguns vagões de cortiça, e o encarregado José Pinto, não contente ainda, insultou umas mulheres que se encontravam nas proximidades da fábrica, chegando a apontar umas pistolas, irrompeu na assembleia uma rudivosa manifestação de repulsa contra essa traição à causa dos corticeiros.

O autor da façanha referida é do Seixal, não sendo esta a primeira scena de que é autor.

A classe volta a reunir hoje, às 16 horas.

No Seixal

SEIXAL, 3.—Com o entusiasmo do primeiro dia continua a greve na classe corticeira que se encontra disposta a não se deixar esbulhar do salário que auferia que bem exigiu já era para fazer face à carestia da vida.—E.

Em Almada

ALMADA, 3.—Sem desfalecimentos prossegue a greve corticeira nesta localidade. A atitude assumida pelos operários e operárias que abandonaram as fábricas tem sido muito louvada pela população. Se nas outras localidades o espírito de luta for o mesmo, podemos assegurar que a vitória não se fará esperar.

A classe, que se encontra em sessão permanente, reúne às 17 horas.—E.

Em Vendas Novas

VENDAS NOVAS, 3.—A classe corticeira reunida em assembleia geral apreciou a circular da Federação Corticeira. Depois de acalorada discussão foi resolvido secundar a greve proclamada por aquele organismo.

E desejo dos corticeiros desta localidade que a classe em geral corresponda ao apelo da Federação para a defesa dos salários actuais.

O moral dos grevistas é excelente.—E.

Em Aldegalega

ALDEGALEGA, 3.—A greve geral dos corticeiros continua indefectível. Todos os grevistas afirmam que só retomarão o trabalho quando o Comité da greve o indicar.—E.

No Barreiro

BARREIRO, 3.—(Pelo telefone).—Os encarregados das fábricas de cortiça do Barreiro deram a sua adesão ao movimento pois são também atingidos pela baixa de salários.

Com esta adesão pode considerar-se geral o movimento grevista da classe corticeira.

Alguns industriais afirmam, mentirosamente, desconhecerem as demarches da Federação Corticeira junto da Associação Industrial antes do movimento. É uma forma covarde de se eximir às responsabilidades.

Em Setúbal

SETUBAL, 3.—Os operários corticeiros, reunidos na sua máxima força, protestaram energicamente contra a forma gananciosa como os industriais corticeiros pretendem reduzir os salários. A assembleia repudiou a baixa de salários, aprovando por aclamação a greve geral.

A sessão terminou aos vivos à greve geral e à Federação Corticeira.—E.

Em Castelo Branco

CASTELO BRANCO, 2.—Os operários corticeiros desta cidade declararam-se em greve, secundando o gesto dos seus camaradas doutas localidades. A paralisação é geral, e os grevistas reunidos em assembleia tomaram conhecimento de que o industrial Severino arrancou as ferramentas aos quadros e despediu-os. A assembleia verberou esta atitude e resolveu entregar o caso à Federação.

Depois foi nomeado o comité secreto e uma comissão de demarches para levar a bom termo o movimento. A sessão terminou aos vivos à C. G. T., F. C. N. e a Batalha.

Os grevistas só retomarão o trabalho quando a Federação o indicar.—C.

Mantem-se corajosamente a greve do operariado da construção civil de Guimarães

GUIMARÃES, 2.—Como já é do conhecimento público, o operariado da indústria da construção civil desta cidade, perante a pretendida baixa de salários, imposta por meia dúzia de mestres de obras, declarou-se em greve, tendo-se embaraçado para irradiar o chefe, que, segundo o seu critério, seria a negação da autoridade que se deve manter entre chefes e operários.

Pois autoridade moral possui o quadro, porque o chefe figurado tem lesado a casa por todas as formas e feitios, e encoberto outras tantas patifarias dos seus acólitos. Ele continua a arranjar pretextos para demorar a solução do conflito que para dignidade da empresa nunca deveria ter dado motivo a que ele eclodisse.

O pastel vai aumentando. A oficina deve ficar em pleno estado. Agora foi admitido mais um aprendiz de Vila Franca de Xira, e com aprendizes a coisa deve sair boa. A não ser que o interesse esteja em fazer publicar o jornal de qualquer maneira, ludibriando o leitor com menos leitura, porquanto a esse facto anormal todos desculpam, pensando ser por poucos dias em virtude dos promettimentos da regularização dos serviços.

Enquanto o conflito não for resolvido o jornal não poderá voltar à sua situação primitiva.

deração Ferroviária para que o material que não possa ser reparado nas oficinas, o seja entregue à indústria particular; e a todos os demais organismos que para tal nos prestem a solidariedade.

Foram também aprovadas as reclamações a fazer pela Federação Metalúrgica, sendo nomeada uma comissão de resistência de 7 membros.

Hoje reúne em sessão magna na rua do Barão de Sabrosa, 81-1.º, pelas 20 horas; quinta-feira, pela mesma hora, na rua de Marvila, 51-1.º; e sexta-feira, na rua Paulo da Gama, 6-1.º, pelas 20 horas.

Operários do mobiliário

Mantem-se inalterável o movimento grevista na casa Diamantino & Branco contra a redução de salários. Ontem o sindicato oficiou ao S. U. da Construção Civil chamando-lhe a atenção para o facto de aquela firma ter uma secção de marcenaria com a qual se propõe desembarçar-se dos trabalhos de mais urgência. Também foi enviado um ofício ao encarregado daquela fábrica, fazendo-lhe sentir que deve abandonar a sua função visto ser também, e unicamente, um assalariado.

Hoje a comissão de demarches avistase há com o industrial em conflito a fim de saber da sua atitude.

A noite, pelas 20 horas, devem os grevistas reunir no sindicato com a comissão de resistência, para apreciar a situação.

Operários da construção civil

São convidados todos os associados sem trabalho a comparecerem hoje pelas 11 horas na sede do Sindicato da Construção Civil, para um assunto urgente.

A inscrição para os associados sem trabalho está aberta todos os dias das 9 às 11 horas.

SERZIDEIRA

Oferese-se, trabalhando em casa.
Rua Maria Pia, «Vila» Adélia, porta A.

AS GREVES

Quadro tipográfico de "A Epoca"

Apesar de ter chegado o sr. Fernando de Sousa, director do jornal *A Epoca*, mantem-se ainda latente o conflito em virtude da irreducibilidade da empresa, que não se importa com os prejuizos morais e materiais que lhe está causando a prolongação deste litígio.

Muitos dos dirigentes de *A Epoca* reconhecem a inteira justiça que assiste ao quadro, sentindo-se embaraçados para irradiar o chefe, que, segundo o seu critério, seria a negação da autoridade que se deve manter entre chefes e operários.

Pois autoridade moral possui o quadro, porque o chefe figurado tem lesado a casa por todas as formas e feitios, e encoberto outras tantas patifarias dos seus acólitos. Ele continua a arranjar pretextos para demorar a solução do conflito que para dignidade da empresa nunca deveria ter dado motivo a que ele eclodisse.

O pastel vai aumentando. A oficina deve ficar em pleno estado. Agora foi admitido mais um aprendiz de Vila Franca de Xira, e com aprendizes a coisa deve sair boa. A não ser que o interesse esteja em fazer publicar o jornal de qualquer maneira, ludibriando o leitor com menos leitura, porquanto a esse facto anormal todos desculpam, pensando ser por poucos dias em virtude dos promettimentos da regularização dos serviços.

Enquanto o conflito não for resolvido o jornal não poderá voltar à sua situação primitiva.

INSTRUÇÃO

Escola Commercial de "Vale Boirão"

Abrem as aulas do 1.º ano dos cursos diurno e nocturno desta escola técnica. As do 2.º e 3.º ano só abrem depois de amanhã, funcionando das 14 às 18 horas e das 19.30 às 23.30, em virtude da alteração a fazer na matricula e horários, motivada pelo novo plano do curso de 4 anos e introdução de novas disciplinas feita pela lei n.º 1.822 de 14 de Outubro p. p.

Curso profissional de escritório

Encerram-se por estes dias as matrículas nas aulas do curso de profissional de escritório, estabelecido pela Associação de Classe de Empregados de Escritório, curso que é constituído no primeiro ano pelas disciplinas de português, francês, inglês, contabilidade e escripturação. Na sede da associação, rua da Madalena, 225, 1.º, prestam-se todos os esclarecimentos, das 21 às 23 horas.

Secção Telegráfica

Câmara Sindical do Trabalho

Manuel Maria de Sousa.—Vem hoje, durante o dia, à sede falar com o Alfredo Lopes.

Federações

METALURGICA
Sindicato Unico Metalúrgico de Évora.—Recebemos officio. Segue expediente. Acusam recepção.

Queixas e reclamações

Veiu a esta redacção o operário António de Almeida Fortuna reclamar contra o facto de o sr. Teodoro Martins lhe ter recusado, sem razão plausível, um atestado do tempo em que lá trabalhou—cerca de 2 anos—até ser despedido com a alegação de não haver trabalho.

Vida Sindical

C. G. T.

Comité Confederal
Reúne amanhã, quinta-feira, pelas 21 horas.

Câmara Sindical do Trabalho
DE LISBOA

Comissão instaladora
Reúne hoje, pelas 21 horas.

Conselho Geral
Reúne o Conselho Geral com a representação dos seguintes organismos: litógrafos, operários do município, trabalhadores do tráfego, metalúrgicos, manipuladores de pão, empregados menores do comércio e indústria, mobiliários, construção civil, fabricantes de calçado e alfaiates.

Antes da ordem dos trabalhos foi largamente apreciada a ausência às sessões do Conselho e a todos os trabalhos da Câmara Sindical do seu ex-secretário geral, Rozendo José Viana.

Falaram sobre o assunto Abraão Coimbra, Alberto Monteiro e Alfredo Lopes que apresentaram a seguinte proposta:

«Proponho que se oficie ao Sindicato dos Manufatureiros de Calçado expondo-lhe a atitude tomada pelo seu delegado Rozendo José Viana para com a Câmara Sindical do Trabalho, e exigindo que o referido camarada apresente o relatório da sua delegacia ao Congresso Confederal.»

Depois de José Augusto falar sobre este documento foi ele aprovado por unanimidade.

Eduardo Ortiz lembra ao Conselho que deve ser nomeado o secretário geral, segundo o resolvido na última sessão.

Por proposta de J. Tiago foi eleito para esse cargo Alfredo Lopes, que apresenta a seguinte declaração:

«Aceito até que do conselho geral faça parte um delegado com a competência necessária, que imediatamente me substituirá.»

Jaime Tiago faz sentir ao conselho a conveniência de todos os organismos aderentes à Câmara nomearem delegados que compareçam às reuniões.

Sobre o assunto falou José Augusto, Abraão Coimbra e Sebastião Marques, ficando resolvido que a Comissão Instaladora diligencie que esta situação termine.

Em seguida entraram em discussão os assuntos propostos para a ordem: Officio da Liga dos Amigos dos Hospitais e Associação dos Caixaeiros.

Falaram sobre o primeiro officio Alberto Monteiro, Eduardo Ortiz e Alfredo Lopes que alvitra que a organização promova queques nas oficinas e obras a favor dos hospitais, promovendo se tanto por preciso, festas em favor dos hospitais. Esta acção será muito independente da acção a desenvolver pela Liga dos Amigos dos Hospitais.

Sobre o officio da Associação dos Caixaeiros foi aprovada a seguinte proposta por 6 contra 4 votos, depois de falarem sobre ela alguns delegados:

«Proponho que neste conselho seja nomeada uma comissão de três membros que se avistará com a direcção da Associação dos Caixaeiros a fim de seus representantes informarem se, aquele organismo está na intenção de aceitar alguma plataforma para a solução do conflito aberto entre o mesmo organismo e a Câmara Sindical.»

«Em caso afirmativo deve a direcção referida apresentar quais as condições em que deseja solucionar o conflito. Abraão Coimbra.»

A comissão de que trata a proposta supra ficou composta pelos camaradas José da Mota Amorim, Sebastião Marques e Ciríaco da Rocha.

COMUNICAÇÕES
S. U. Mobiliário.—Comissão de vigilância do Campo de Santana.—O secretário recomenda a esta comissão a oficina da rua do Passadico, defronte do Instituto Oftalmológico.

CONVOCAÇÕES
REUNEM-SE HOJE:
Federação Mobiliária.—A's 20.30 horas o Conselho Federal com a ordem de trabalhos já publicada.

S. U. do Mobiliário.—A comissão de resistência, pelas 20 horas.

Comissão Administrativa.—Com o colaborador geral e os cobradores das oficinas, para descarga de contas, pelas 20 horas.

Operários municipais.—Pelas 20 horas, a convite da comissão de melhoramentos, o operariado municipal a fim de apreciar as demarches sobre o dinheiro em dívida.

Pelas 15 horas, nos paços do concelho a comissão de melhoramentos.

S. U. da Construção Civil.—Pelas 20.30 horas, a comissão administrativa do Conselho Técnico.

Secção da Carneira.—Pelas 20 horas, a comissão administrativa com a presença de Firmino Peixoto e Carlos Martins.

Manufactores de calçado.—Pelas 21 horas, a comissão contra a baixa de salários.

Marinheiros e moços da marinha mercante.—Os corpos gerentes pelas 18 horas, para tratar de assuntos urgentes.

DIAS PRÓXIMOS:
Federação Metalúrgica.—Reúne depois de amanhã, pelas 20 horas.

S. U. C.—Secção de carpinteiros.—Reúne depois de amanhã pelas 20 horas a comissão pró-bandeira para dar andamento aos trabalhos da festa que se realiza no dia 29 do corrente. Continua-se recebendo brindes para a quermesse dessa festa.

A ATITUDE DA FEDERAÇÃO MARÍTIMA

Uma carta que pulveriza as insinuações dum articulista infeliz

Camarada director de *A Batalha*.—Sendo-me presente o jornal *O Marítimo* de 28 de Outubro do corrente ano, nele vi com aborrecimento, mas sem estranheza, o meu nome inserido num adjectivo artigo, no qual se me atribuem coisas fantásticamente extraordinárias e das quais confesso tinha absoluto desconhecimento. O distinto articulista na sua delicada prosa iracunda andou, para descarregar sobre mim, a arca de Noé repleta de adjectivos desprimrosos.

O effeito que em mim produziu aquele banho de adjectivos, só d'ele poderá bem julgar, quem ler o artigo a que me refiro. Consegui refazer-me do tremendo choque e cheguei à conclusão de que o illustre autor de aquella pesada prosa, já em outra occasião se havia servido — referindo-se à mesma pessoa que agora desanca — de adjectivos opostos aos que agora com tão mau humor lhe arremessa.

Mas o mundo é assim, e lá diz o velho que tanto anda como desanda. A mudança sofrida pelo autor do artigo em questão, devem por certo assistir fortes razões que devemos respeitar e que eu pela minha parte attribuo a forte pesadez, ou recente dispésia. Mas seja como for, o facto é que eu sou por ele desumanamente desancado e cumpre-me por isto, colocar a verdade, onde o proficiente dispéptico ou sonâmbulo, que se diz tão escrupuloso — não obstante isto — faltou a ela e, talvez que a sua falta de memória seja consequência do cuidadoso cultivo que parece fazer das theorias opostas às de Loyola, que por serem extremas, finalmente se confundem flagrantemente — os extremos tocam-se. Felizmente que para conserto da verdade eu conto com a indulgência do jornal a que me dirijo, porque a não existir um jornal com os fins de *A Batalha*, eu teria de desistir do meu intento, por me não moldar facilmente a dar entrevistas a outros jornais com fins opostos.

Como acima disse, não estranho o ataque de *O Marítimo*, que por outros semelhantes, embora com alvos diferentes, me resolveu afastar da F. M. O que me encheu de tédio é o facto de o artigo me forçar a exhibições inglórias para as quais não tenho vocação, nem tempo disponível, e ainda porque me é penoso ter de ripostar a quem diz tanto apêgo à verdade e a ela falta com nobre descaro. Logo no principio do capitulo que me é amavelmente dedicado, o seu autor me attribui qualidades e afirmações que não terá facilidade em provar irrefutavelmente; que sou anarco-sindicalista, começa ele, que mostre relutância pelos processos usados pelos dirigentes da C. G. T.

A primeira não respondo, por me não julgar no dever de fazer prolixa de fé a quem se não comprehende que eu não comprehendo que, sendo assim, isso implique qualquer explicação a quem quer que seja. Relutância pelos processos usados pelos dirigentes da C. G. T. ainda que a quizesse ter não me era possível tal, tão pouco comentá-los ou criticá-los pelo motivo de não conhecer a data quasi fides eram.

E' claro que não é possível ter-se relutância, tão pouco criticar ou comentar o que se não conhece nem se viu. Ouvi muitas vezes, e talvez que ao próprio autor do artigo de que trato o maior numero delas, dizer que os delegados ao Conselho Confederal da facção dominante eram intraveis e intolerantes. Eu que não tinha nunca assistido a nenhum C. C.; que nesse tempo, dos delegados ao C. C. só conhecia os que assim me falavam, quando me interrogavam sobre o que pensava do que me haviam dito, respondia como qualquer outro nas minhas circunstancias: se assim é, vocês têm razão. Mas finalmente as tais narrativas eram dum quilate de veracidade, idéntico ao do artigo que me é dedicado no *Marítimo* de 28 de Outubro último.

Quanto à questão de eu ter dito que a F. M. subsidiava legionários, é também falsa-seada a verdade por fantasia do autor, que talvez assim proceda para levar a água ao seu moinho, porque ele muito bem sabe que os individuos a que me referi — dois ou três — eram os mesmos contra quem muito indignadamente protestou António dos Santos, dizendo que a um d'elles tinha elle, António dos Santos, visto recentemente no Porto com duas carteiras subtraídas a dois incautos.

Quem escreveu o artigo sabe bem que eu não conheço os dois ou três individuos que citel, e que só pela boca de António dos Santos eu soube das suas existências e do que elles eram. Foi por António dos Santos ter feito as suas historias e por tão ardientemente ter protestado contra que lhes fosse dado o subsidio, que eu o fiquei sabendo, citado o facto a alguns colegas meus. Nem sequer falei de legionários, servindo-me simplesmente do que ouvi dizer a António dos Santos.

Não sei porque razão se procura alterar

Secretariado Seccional e assuntos diversos. Todos os filiados efectivos ou auxiliares residentes na área desta secção ou que embora residindo noutras áreas não haja nelas secções constituídas, devem comparecer a esta assembleia, mesmo que não tenham recebido convite.

SOLIDARIEDADE

Pró Maria do Carmo

A festa que o grupo dramático «Os solidários» promove no próximo sábado no Centro Socialista de Lisboa, em favor de Maria do Carmo que se encontra doente está despertando um vivo entusiasmo.

Além dos atractivos já annunciados, conta a comissão organizadora com o concurso da troppe de bandolinistas «Boa Estrêla» e de duas meninas que gentilmente tomarão parte no acto de variedades.

Os bilhetes podem ser procurados a Henrique Mendes, travessa do Arco da Graça, 24, 2.º D.

Pró-José Pires de Matos

A saúde deste camarada, que tinha sentido algumas melhoras, acaba de se agravar sensivelmente. Tem contribuído para este lamentável facto a falta de recursos com que lutam os camaradas que voluntariamente tomaram a missão de trabalhar para o restabelecimento físico deste prestimoso camarada

Reúne hoje, pelas 20.30 horas, a comissão pró-José da Silva Costa; pelas 21 horas, pró-Manuel de Carvalho e pró-viuvia de Bernardo Ramos da Costa.

Foi entregue a Abel Lemos, que se encontra na enfermaria Sousa Martins do hospital de São José, a quantia de 9400 proveniente duma subscrição tirada entre o pessoal que trabalha no manicómio Miguel Bombarda.

a verdade, sem receio de comprometer os subsidiados com quem estão jogando sem reboço. Se o que eu disse não era verdade cabe disso a responsabilidade a quem o ouvi dizer, e que o disse na presença de bastante gente. Estes processos de inverter a verdade, não têm afinidades nenhuma com as tais theorias de Loyola. As razões que me levaram a apresentar a minha classe um relatório que a levou a sair da F. M., vêm claramente escarapachadas em *O Marítimo* de 28, algumas delas. Por exemplo no balanço de Abril figura uma verba de 900\$00, salário do secretário permanente, o que me surpreende bastante e por uma razão: é que esse salário era, conforme se verifica nos balanços anteriores, de 80\$00.

Por determinação de que entidade competente passou a ser de 900\$00?

Acto singular aquella alteração, porque naquella data era eu ainda um dos secretários gerais da F. M.; nunca falei a nenhuma reunião do Secretariado, Comissão Administrativa e C. F., e não me lembra que, em qualquer delas, esse aumento tivesse sido proposto, discutido ou votado. Garanto mesmo que o não foi: Quem é que o autorizou? Ele próprio, provavelmente. Outra coisa com que não poderia concordar é com aquele sistema de balanços, por números dos documentos. Assim fica-se na mesma, sem se saber em que se gastou o dinheiro. Succede que também fui secretário redactor de *O Marítimo*, e não tive conhecimento nem presumo que os fossem applicadas as duas verbas suplementares do jornal que no mesmo balanço figuram com os n.ºs 4 e 25 respectivamente 302\$50 e 300\$00.

Era natural que, sendo eu a esse tempo secretário geral e redactor do jornal, tivesse tido conhecimento da sua applicação, o que não succedeu.

Não comprehendendo também porque sendo a minha classe federada desde maio de 1924 e ficando em dia quando se desligou da F. M. aquella não figura no balanço de Novembro de 1924.

Tudo isto eu calaria de boa vontade se me não fossem a exteriorizá-lo, contudo uma satisfação me fica para o lenitivo dos esforços e canceiras fementidos, é que de todo o tempo perdido alguma coisa aproveitei, aprendi bastante da psicologia dos individuos.

Quando membro dos corpos gerentes da F. M., compenetrado nas responsabilidades que contrai accetando um cargo, fiz sempre o que pude em prol daquele organismo, empregando ao seu serviço quatro e cinco noites por semana o que não fazia quando disso tinha mais obrigação do que eu, que lhe não ganhava dinheiro.

Enquanto eu assim trabalhava, assistia ao mais nefasto desleixo por parte da maioria dos componentes dos corpos gerentes, homens ligados à organização e com responsabilidades na sua marcha, que raras vezes compareciam às reuniões e que não obstante não comparecerem, nenhuma importância ligavam às funções inerentes aos cargos que lhes foram conferidos, parecendo nada os preocupar as responsabilidades accetadas aos cargos que accetaram e a aos quais muito longe estavam de dar cabal desempenho. Alguns d'estes, amplos em afirmações, são limitadissimos no campo das realizações.

Criaram a situação em que agora se debatem, caíram no circulo vicioso de negligência gerou e pretendem a força mostrar que a responsabilidade dos seus disparates a outros cabe.

E a reforçar o que digo está o facto de um secretário geral apresentar no C. F. uma moção na qual propunha a nomeação de uma comissão a fim de realizar os trabalhos [que distintamente, pelos estatutos, estavam a cargo de duas comissões já criadas e que faziam parte dos corpos gerentes da F. M.

Este acto só pode significar duas coisas evidentes: ou o proponente reconhecia a incapacidade das comissões, eleitas no congresso, para tais realizações, ou, então, desconhecia as disposições dos estatutos; ora eu não posso conceber a última hipótese por se tratar dum secretário geral, portanto, subsiste a primeira, salvo se a moção encerrava algum intuito reservado.

Já vai longa de mais esta carta, pelo que sou forçado a terminar, prometendo não mais responder a quaisquer insinuações. Contudo, se a isso for levado, farei, oportunamente, a historia dos acontecimentos por mim conhecidos e observados que originaram a minha tão rebatida attitude para com a Federação Marítima.

Termino, camarada director, pedindo a subida fineza da publicação desta carta, e, ao mesmo tempo, mil desculpas pelo preciso espaço roubado ao seu jornal, por estas linha alinhavadas palavras que a força das circunstancias me obriga a tornar publicas.

J. S.

A comissão está convénida de que todos os camaradas a auxiliar, contribuindo com o seu auxilio monetário para que os padecimentos de José Pires de Matos se atenuem.

A Comissão Central recebeu as seguintes importâncias:

10 bilhetes do festa, 25\$00; J. S. Cadete, 17\$00; G. A. Luísa Michel, 10\$00; S. dos Descarregadores de Vale Carregado, 5\$00; Cabeção, F. P. Turrado, 5\$00; José Camacho, 5\$00; F. Quintal, 9\$00; J. S. Cadete, 17\$00; S. dos Descarregadores de Alhândra, 30\$00; M. Sardinha, 15\$00; Jesus Peixoto, 10\$00; Manuel dos Reis, 15\$00; Secção da C. Civil do Alto do Pina, 30\$00; Francisco Quintal, 4\$50; F. Almeida Marques, 14\$00; Operários das Obras do Novo Manicómio, 8\$500; S. U. da C. Civil de Monchique, 37\$50; Sindicato dos Operários Mineiros de São Domingos, 42\$15; Francisco Quintal, 5\$00; José S. Cadete, 30\$00; Arnaldo Rodrigues, 10\$00; Total: 460\$65.

Os donativos devem ser enviados para Francisco Quintal—Travessa da Agua de Flor, 16, 1.º Lisboa.

Reúne hoje, pelas 20.30 horas, a comissão pró-José da Silva Costa; pelas 21 horas, pró-Manuel de Carvalho e pró-viuvia de Bernardo Ramos da Costa.

Foi entregue a Abel Lemos, que se encontra na enfermaria Sousa Martins do hospital de São José, a quantia de 9400 proveniente duma subscrição tirada entre